



Proposta Urbana



Actual



Planta de Silva Pinto (1904-1911)

Planta de Filipe Folque (1856-1858)

< Cerca Fernandina (séc. XIV)

Evolução da Cidade

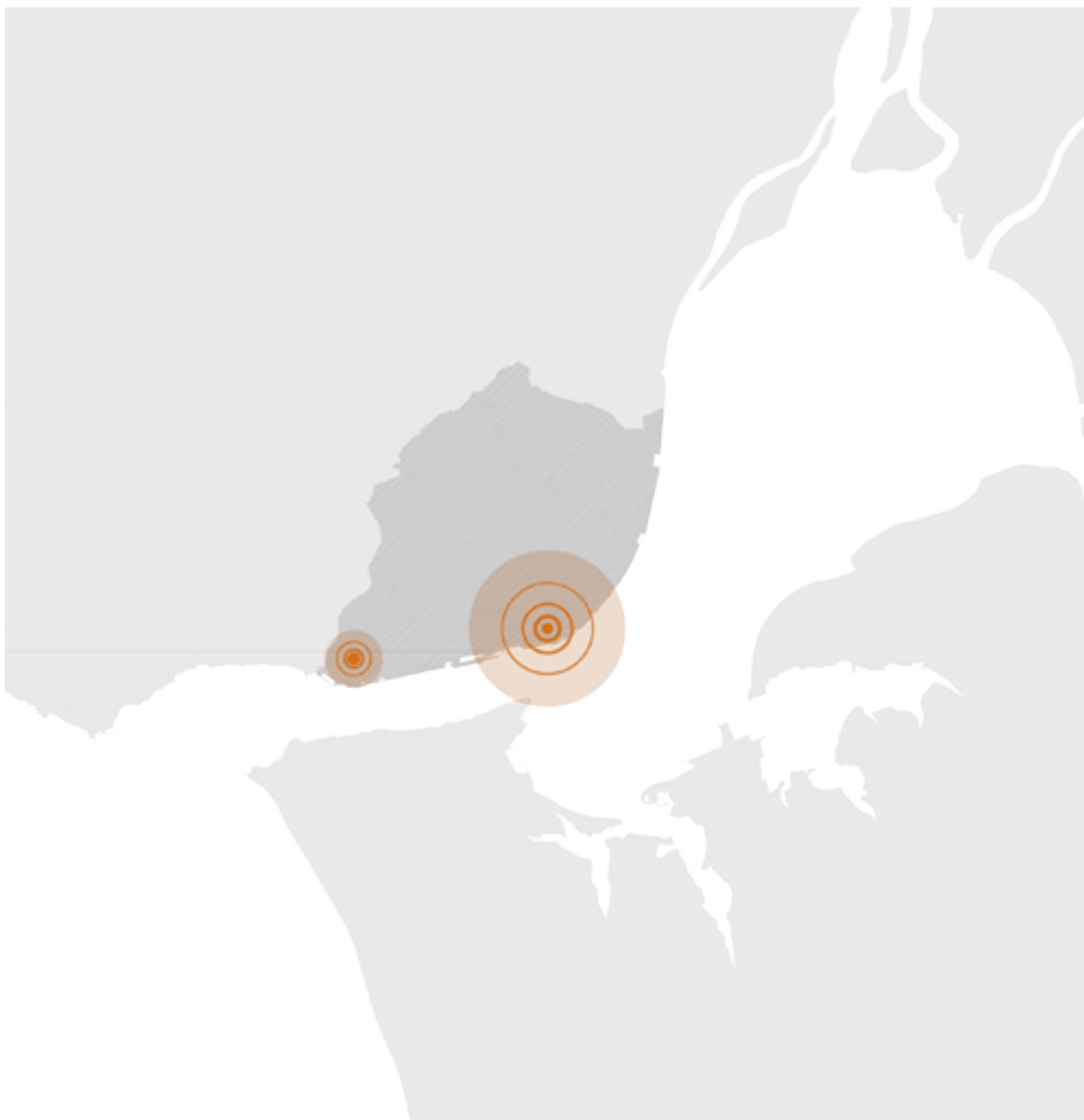
Após efectuados os workshops anteriormente referidos, foi apresentado o território para a realização do projecto nuclear deste último ano lectivo – ao zona envolvente ao eixo do Largo do Rato e Colina das Amoreiras. Como é habitual, a realização de um exercício deste género requer uma análise profunda da zona em causa, para compreensão da mesma, como fora também estipulado no enunciado relativo a este tema (ver enunciado do Tema I, em anexo). Assim, serão aqui expostas algumas plantas que advêm da investigação e interpretação do grupo. Posteriormente, num outro exercício (ver enunciado do Tema III, em anexo), foram pedidas propostas que trouxessem soluções para este sítio da cidade.

Para uma correta compreensão da área de intervenção, efectuou-se uma análise da evolução da cidade, desde a conquista cristã até aos dias de hoje.

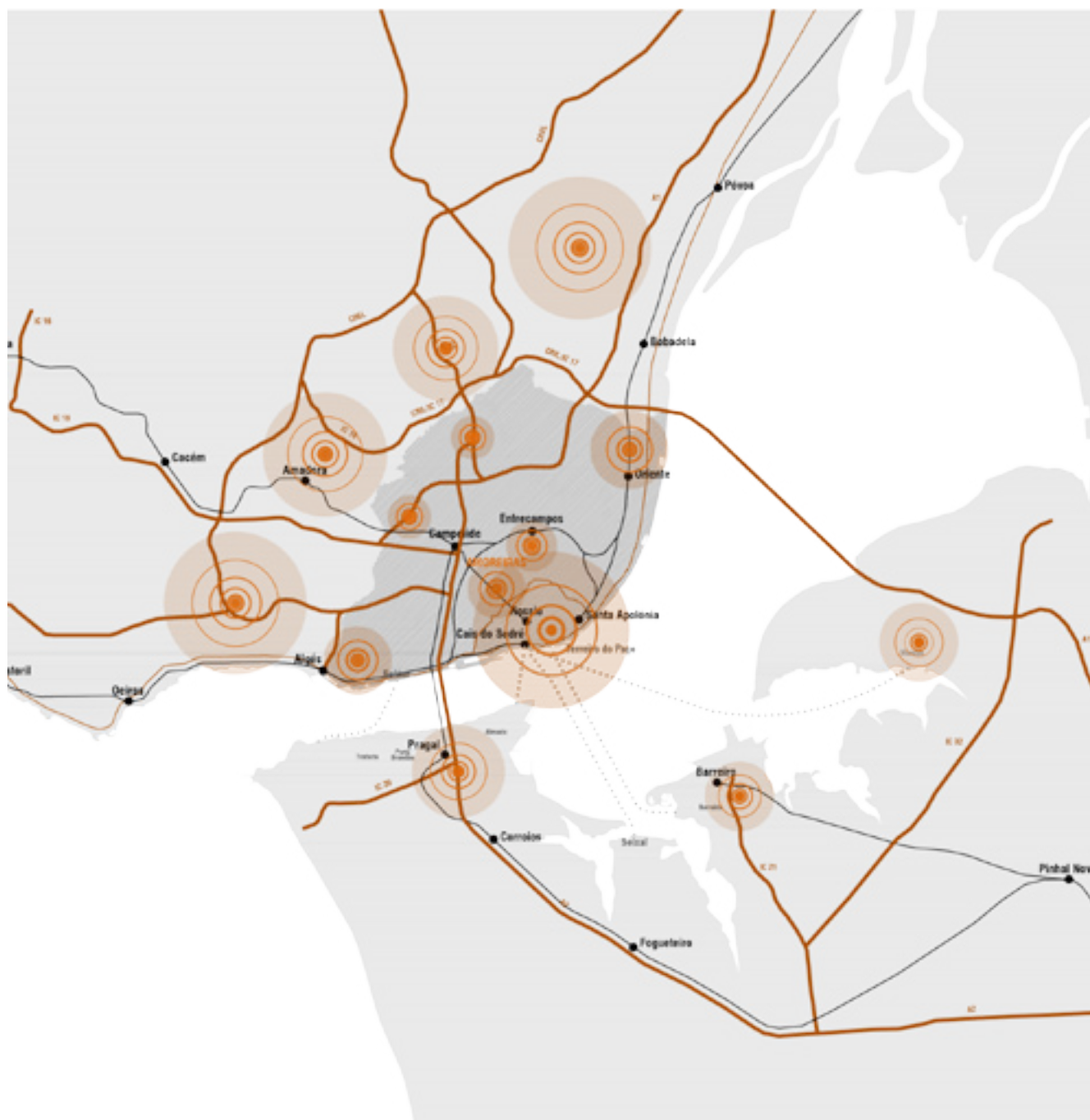
O aglomerado urbano delimitado pelo castelo, encosta de Alfama e pela baixa vivia completamente solitária para o interior dos seus limites até a altura do terramoto. Com a chegada do caminho de ferro a cidade perde os seus limites físicos transpostos pelos carris e carruagens dos seus comboios que ao longo do seu percurso iam estabelecendo novos aglomerados. Em meados do século passado, graças a um aprimoramento do sistema de transportes públicos aliado ao sistema viário, torna-se possível viver fora da cidade e deslocar-se num curto espaço de tempo entre as novas centralidades e a cidade histórica.

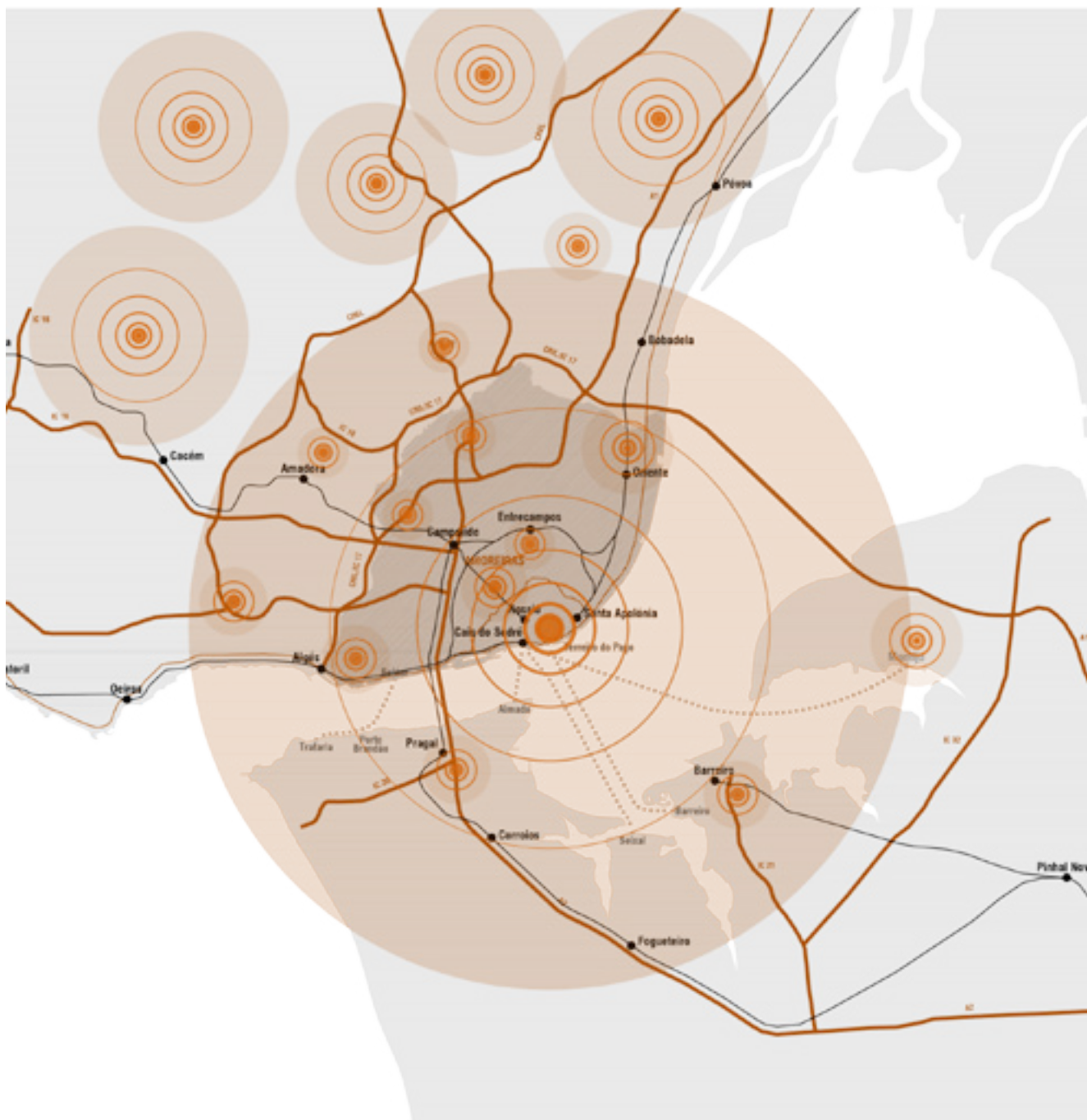
O centro da cidade tornara-se dispendioso e pouco acessível a todos pelo que a oferta aliciente de habitações a menor custo, fez os novos jovens, com menos posses e à procura de construir família com casa própria, encontrar, como por exemplo ao longo da linha da Sintra, a solução. Contudo, a “solução” originou o problema do tempo. Tendo a cidade de Lisboa ainda a maior oferta de emprego, surgiram os necessários movimentos pendulares diários, que condicionam gravemente as vias de acesso à capital e exigem tempo que é gasto dentro de um veículo ou transporte público, que a curto prazo é irrelevante, mas ao longo de uma vida é bastante significativo.











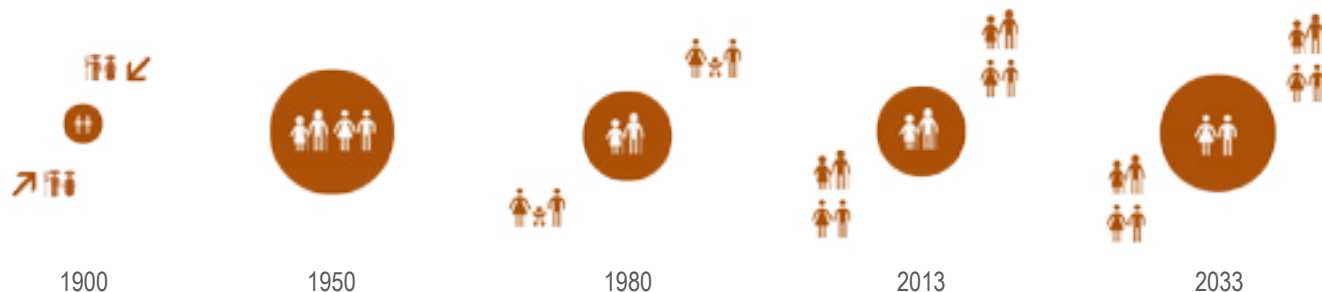
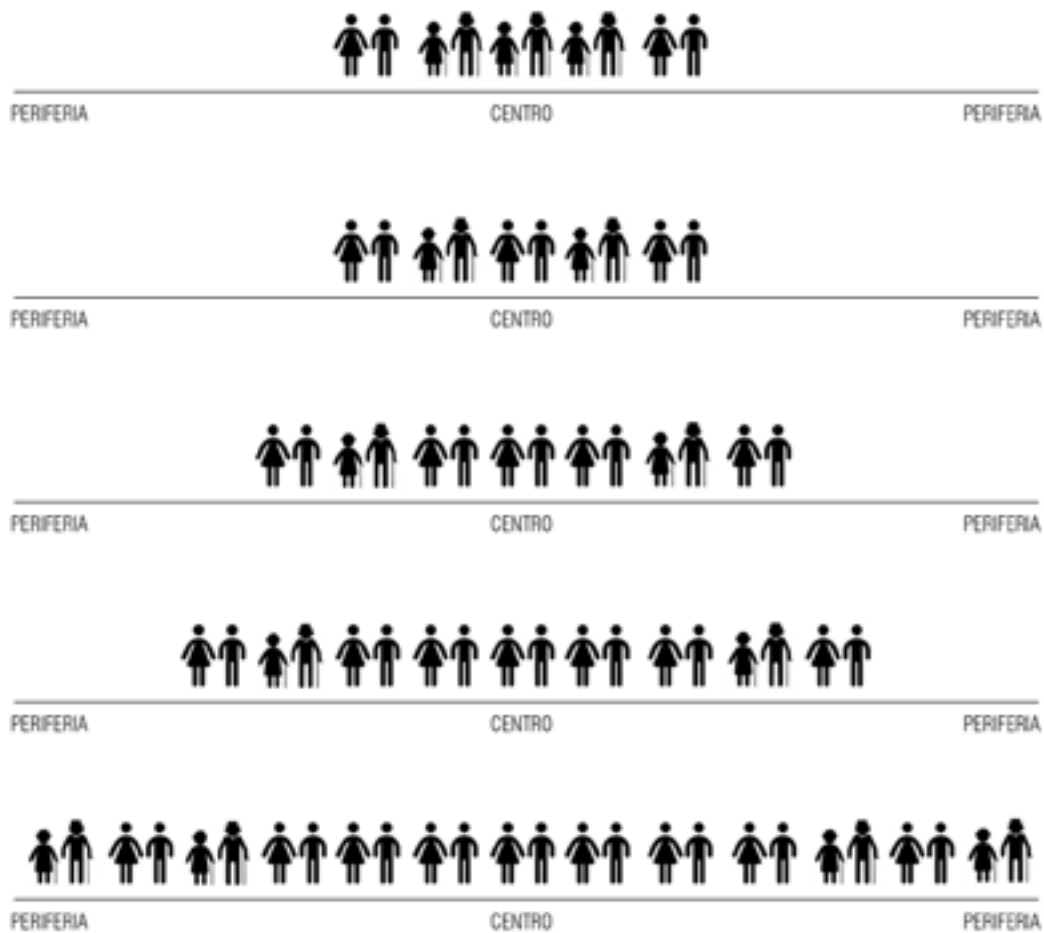


Diagrama da evolução da ocupação da cidade e sua periferia desde a sua industrialização.

Apesar dos novos aglomerados urbanos, presentes nos mapas anteriores, Lisboa continua a crescer, assim como a noção de “centro”. A cidade, ao longo dos tempos, absorve território de forma contínua. O que é hoje subúrbio amanhã será parte da sua malha consolidada e o território das Amoreiras é disso exemplo. Como o conceito de centro liga-se ao económico, o limite da habitação acessível vai sendo cada vez mais empurrado para a periferia. Nesta ideia, assume-se que a certo ponto a maioria da população a formar família instalar-se-á cada vez mais longe do centro urbano, que é a cidade de Lisboa. Isto deve-se ao ciclo que se cria e que, como exemplo, pode ser alguém que tenha vivido no centro da cidade, outrora mais acessível, mas cujos filhos, apesar de lá terem efetuado os estudos e habitado, numa primeira fase da sua vida, partilhando casa, veem-se obrigados a procurar habitação na periferia, quando querem constituir família, pois necessitam de mais espaço. Mais tarde, os filhos destes viverão com eles até ao momento em que entram na faculdade e conseguem o primeiro emprego, etapa em que, tal como os pais, conseguem dividir as despesas com colegas/amigos, voltando mais tarde a surgir o problema de constituir família, sendo a opção mudarem-se para a periferia, a qual, pelo aumento da noção de centro, já será mais afastada que a dos seus pais (que valorizou nos anos que passaram). E será esta uma repetição constante, pois a especulação económica não para de aumentar e as propriedades sobrevalorizadas do núcleo urbano não estão ao alcance da maioria aqui referida. Neste seguimento, tem-se como plausível o cenário retratado no diagrama à esquerda: a apropriação da cidade maioritariamente por uma população mais jovem. Isto impossibilita a fixação de uma faixa etária superior no centro da metrópole.



Ocupação cíclica do centro da cidade.





 Espaços Residuais



 Devolutos







Áreas de intervenção escolhidas pelos elementos do grupo para a realização do projecto das habitações.



- Escala de cidade
- Escala de bairro
- Escala de vizinhança

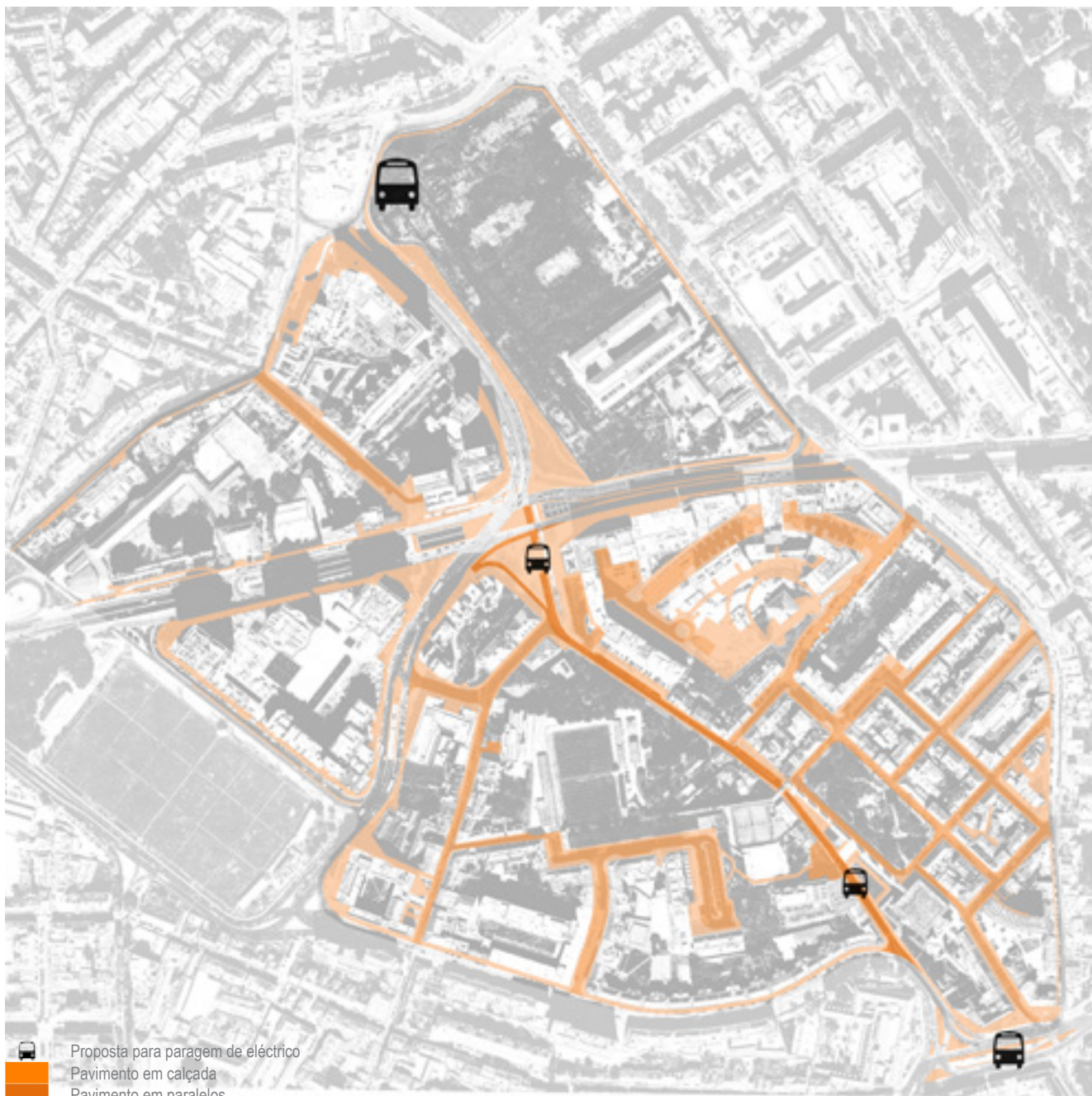
É que o negócio [das Vilas Operárias] consistia exactamente em rentabilizar espaços no interior dos quarteirões, os quais, segundo os critérios do urbanismo convencional, não são edificáveis. Francisco Santana (1994, pág. 962-963).





Dadas as questões relativas à evolução demográfica, tentou-se encontrar uma resposta ao principal problema aqui presente: o direito à cidade não está ao alcance de todos. Exposta a pretensão de uma grande quantidade de pessoas desejar a cidade e observando que esta oferece inúmeros espaços disponíveis – como edifícios devolutos, traseiras de quarteirões e zonas urbanas menos apetecíveis –, propõe-se uma ocupação que estes facilitada. Combatendo a impossibilidade que os indivíduos aqui tratados têm em comprar/arrendar imóveis, devido à especulação imobiliária (como terrenos parados à espera da melhor altura para serem comercializados). Assim, é sugerida a figura do “arquiteto oficioso”, ao serviço destas novas comunidades vindouras. Estabelecerá um elo entre as pretensões destas novas pessoas e o projeto final, impedindo a anarquia da cidade, estabelecendo as bases e sugerindo formas de fazer melhor e mais eficazmente. Em suma, torna-se um promotor da cidade. Como soluções, contemplam-se a ideia de reabilitação (nas ocupações de edifícios), mutabilidade dos espaços e a construção de baixo custo. Em agregação a estas resoluções, seria criada legislação que obrigue o dono do terreno/casa vazia (há mais de dois anos) vender/alugar a baixo custo ou ceder para ocupação; a garantia de vantagens fiscais, com a redução do IMI consoante a reabilitação dos imóveis; taxas progressivas para os proprietários que rejeitem esta imposição, que reverteriam para um fundo municipal que seria utilizado como investimento nesta causa.

Em seguimento à análise da evolução da cidade efectuada, deu-se a escolha dos espaços a serem intervencionados individualmente pelos elementos do grupo, para a realização das habitações. Nas zonas assinalados como zonas de intervenção (à esquerda) para os projectos individuais dos elementos do grupo, encontra-se um confronto de escalas, da micro escala (de vizinhança) até à macro escala (de cidade).





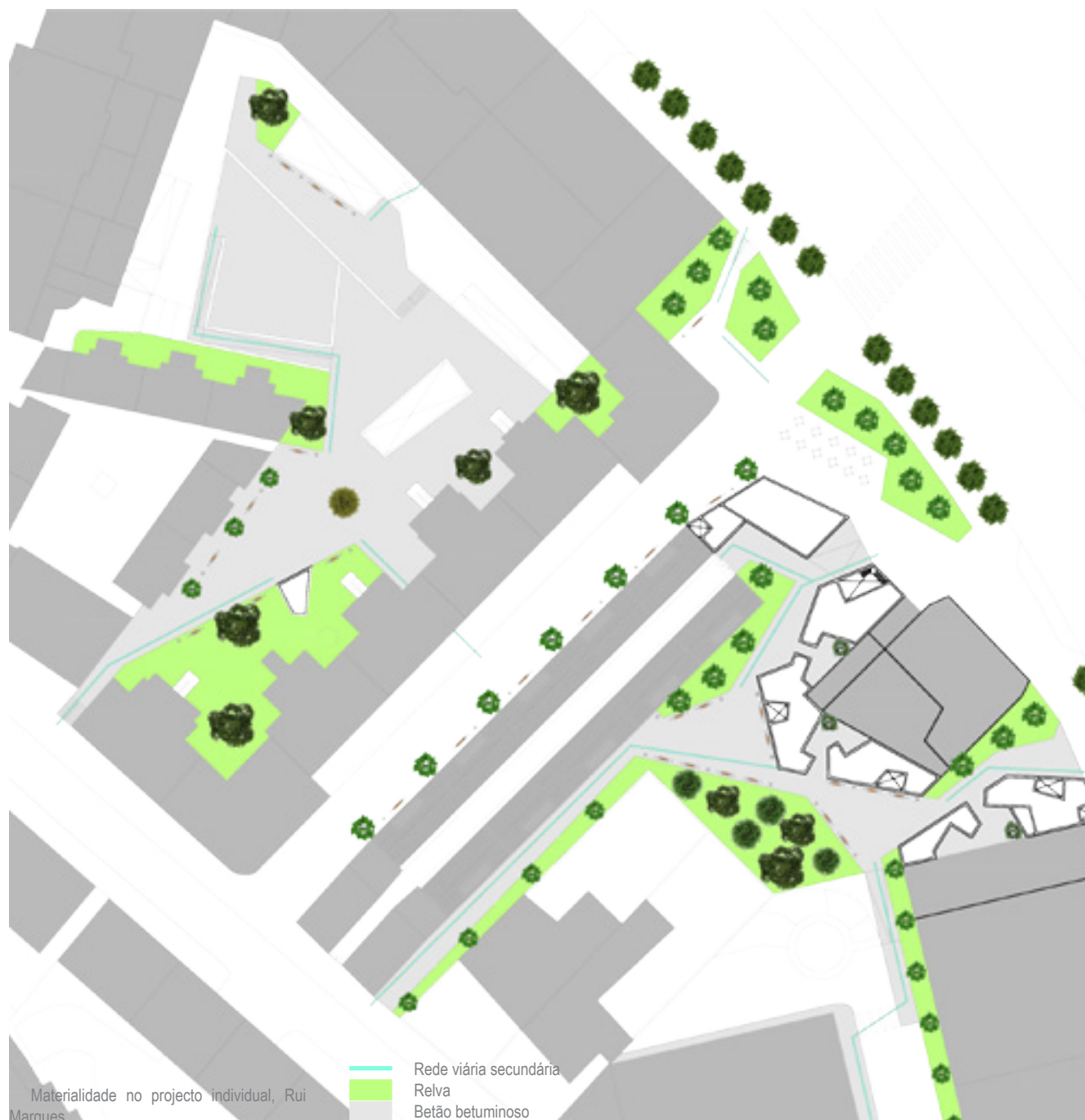


-  Proposta para paragem de eléctrico
-  Pavimento em calçada
-  Pavimento em paralelos
-  Pavimento em paralelos com passagem do eléctrico

A questão do confronto de escalas é um dos problemas que se procuram resolver neste território, através da reinserção do circuito do elétrico número 24, com o percurso desde o Cais do Sodré até Campolide, revitalizando a zona turisticamente e unindo a estação de “Campolide” da futura expansão da linha vermelha do metropolitano de Lisboa, com as linhas amarela (Rato) e verde (Cais do Sodré). Serviria também para unir a colina das Amoreiras fisicamente ao rio, com o qual mantém desde sempre uma relação visual.

Numa continuação do propósito de unir as zonas de intervenção, consolidando toda a área, é proposto um tratamento viário a nível do pavimento e da alteração/condicionamento do tráfego automóvel, assim como os percursos interiores que circundam as habitações. Estes últimos serão marcados com auxílio de uma faixa luminosa no chão, que tem início nos acessos que conduzem aos novos espaços gerados e servem de fio condutor, criando um percurso este-oeste de associação entre a maioria destes novos conceitos tipológicos. Surgindo ainda no passeio da rua que fronteira as intervenções (como se pode ver nos exemplos individuais das plantas seguintes), serve esta para convidar o transeunte a atravessar estes novos espaços, os quais se pretende que se tornem rapidamente pequenos centros comunitários, criando uma união entre a população ali residente. Essas luzes, seguiriam embutidas num pavimento em betão betominoso, para salientar o aspecto cru que se pretende dar a estas pequenas cirurgias no tecido urbano da cidade. Nos espaços de concentração, onde desembocam os acessos, pretende-se a criação de zonas mais acolhedoras, onde o indivíduo se sinta confortável a permanecer, afirmando-se como novas zonas de confluência deste território. Os espaços que se propõem mistos, com pavimento em betão e zonas ajardinadas com árvores, serão uma charneira revitalizadora de áreas antes desprezadas pela cidade.







- Rede viária secundária
- Relva
- Betão betuminoso

Materialidade no projecto individual, Júlio Rosa.






- Rede viária secundária
- Relva
- Betão betuminoso

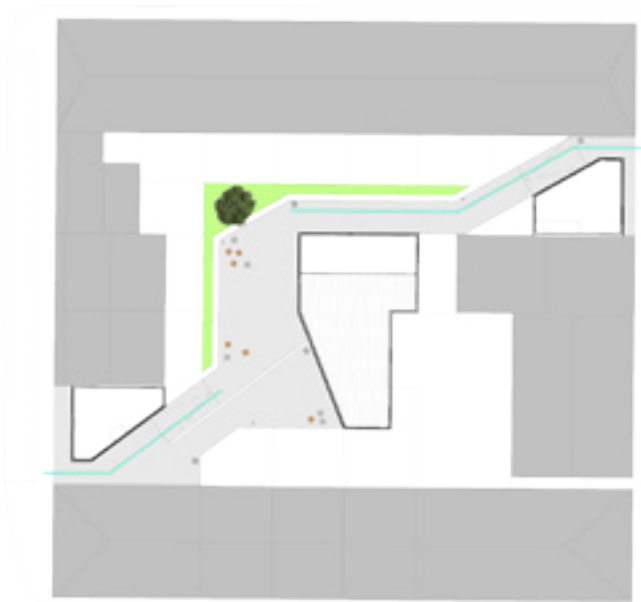
• acesso residencial

Materialidade no projecto individual, Fábio Correia.



Materialidade no projecto individual, João Sequeira.

-  Rede viária secundária
-  Relva
-  Betão betuminoso



- Rede viária secundária
- Relva
- Betão betuminoso

Materialidade no projecto individual, Sandra Lopes.



Módulos de betão e madeira com aplicação para banco.



Módulos de betão e madeira com aplicação para canteiro e caixote do lixo.



Aplicação do módulo de paragem

Para afirmar ainda mais este diálogo em torno da unificação do sítio das Amoreiras, sentiu-se a necessidade de criar equipamentos urbanos, entre estes bancos, caixotes do lixo, candeeiros públicos e paragens que servirão o elétrico, objetos que em muito entram no conceito de ocupação de usos e mutabilidade do espaço público. Para os primeiros dois, foi criado um módulo que se insere num cubo de 45 centímetros de aresta, com a espessura de 4 centímetros e com duas das suas faces opostas inexistentes. Este volume polivalente poderá ser colocado de diversas formas com fim a tornar-se numa floreira, num papelão ou num banco. Esta última vertente tem a possibilidade de ser um banco corrido, pois o módulo contempla encaixes (do tipo macho e fêmea) para que se possam conectar vários elementos. Existe também em duas versões: em madeira e em betão. A primeira, permite a sua deslocação, alterando constantemente a ambiência do espaço, enquanto o segundo é de carácter mais fixo, servindo também para bloquear uma série de módulos, impossibilitando o seu roubo ou transladação.

Dentro do pensamento do objecto anterior, criaram-se os abrigos para a espera do elétrico. Aumentando o módulo até que ficasse com 3 metros de aresta, quebrou-se o mesmo a meio, criando dois objetos simétricos que servem de paragem para os transportes públicos e encaram-se frente a frente, em ambas as margens da rua.



Fotomontagem com exemplo de aplicação do mobiliário.



Módulo de candeeiro.

Dentro do pensamento do objecto anterior, criaram-se os abrigos para a espera do elétrico. Aumentando o módulo até que ficasse com 3 metros de aresta, quebrou-se o mesmo a meio, criando dois objetos simétricos que servem de paragem para os transportes públicos e encaram-se frente a frente, em ambas as margens da rua.

Para finalizar esta caracterização do espaço público, criou-se também um candeeiro para iluminação pública que oferece a capacidade de se mover o seu foque de luz em todas as direções, atuando assim como um holofote num cenário teatral. As infinitas criações de diferentes ambientes são aliciantes dentro do conceito defendido pelo grupo, pois rompe drasticamente com a monotonia que se vive na maioria do espaço urbano da cidade de Lisboa.

Pretende-se com todas estas soluções, alterar as formas ortodoxas de pensar a cidade e instaurar novos conceitos urbanos, oferecendo igual oportunidade de habitar a cidade, centro de acontecimentos, trabalho e lazer – uma máquina de vida.



